

# A SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS NA CIÊNCIA: O VIÉS DOS INDEXADORES

*Gabriela E. Amaral Ribeiro*

*Orientadora: Telma Cristina Pereira*

Mestranda

RESUMO: O inglês tem ocupado desde o fim da Segunda Guerra um lugar de crescente hipercentralidade (Calvet, 1999) na circulação do conhecimento científico a nível internacional. Essa posição é reforçada por certas representações que o colocam como a língua da ciência, cujo uso seguiria uma pretensa evolução da ciência. Além disso, algumas análises quantitativas da produção mundial de artigos são apresentadas como pinturas objetivas dessa dominância. Com o objetivo de tratar do impacto do uso dos indexadores, ou seja, das políticas científicas sobre as políticas linguísticas fizemos um levantamento das línguas presentes no Web of Science. A análise mostra a efetiva implicação dessas listas sobre os status das línguas enquanto delimitação da publicação “desejável”, com um grande viés em favor da língua inglesa identificável na composição das listas de revistas-fonte para a elaboração do indexador, edição 2017. As listas não apenas colocam o inglês como dominante, como fazem EUA e Inglaterra ocuparem sozinhos 59,82% das publicações em inglês, o que contesta o potencial de quebrar barreiras linguísticas por vezes atribuído ao inglês. Uma breve comparação com um indexador de outra natureza, DOAJ, de revistas em livre acesso, mostram proporções muito diferentes, menos concentradas, e urge o uso de informações de ordem sociológica para explicar dados quantitativos, como a pobre participação dos EUA em língua inglesa na base DOAJ.

PALAVRAS-CHAVE: políticas linguísticas, políticas científicas, plurilinguismo, indexadores.

## **O impacto dos indexadores sobre a consideração da situação das línguas**

Em 2012, o editor da revista de geografia física *Physio-Géo*, Claude Martin, publicou no volume do periódico (MARTIN, 2012) uma enquete realizada online sobre o uso de outras línguas além do inglês nos colóquios internacionais, tendo como motivador o fato do evento organizado pela Associação Internacional de Geografia

---

(AIG) em Paris contar com uma pobre presença do francês, a despeito do fato de que essa língua está entre as oficiais da instituição. Esta foi parte da resposta oferecida pela vice-presidente da AIG, Monique Forte:

[...] à l'heure où vient de tomber le dernier classement de Shanghai, il est je crois temps de comprendre quelle est l'évolution de toutes les disciplines scientifiques, de la nôtre en particulier : si la production géomorphologique française est de grande qualité, il serait dommage que celle-ci reste confidentielle et ne puisse être lue par nos collègues étrangers. [...Le site du colloque était bilingue.] Donc que nos collègues français qui sont exclusivement francophones se rassurent, ils ne sont pas oubliés. Quant à nos amis africains, je crois qu'ils n'hésitent plus depuis longtemps à lire l'anglais. (MARTIN, 2012,§12)<sup>1</sup>.

A primeira preocupação da vice-presidente é a classificação institucional Shanghai Ranking, a qual se baseia em indicadores internacionais essencialmente alinhados com a anglofonia. E a crer ainda nas palavras da vice-presidente, o uso do inglês seria um fato da ordem da evolução das coisas, contra o qual nenhuma voz sensata se elevaria<sup>2</sup>, já que se trata de evoluções da ciência. Parece evidente para ela que defender o uso do francês para a ciência é apenas obra de francófonos monolíngues um pouco ultrapassados. Parece ainda subestimar a possibilidade de um evento na França atrair um número considerável de francófonos e subestima o uso do francês para as áreas da África que têm essa língua como materna ou segunda, desconsiderando eventuais penalidades que o domínio de uma língua suplementar pode representar para grupos que têm maior familiaridade com o francês.

Além disso, em uma situação em que não apenas os cientistas comunicadores, mas a própria plateia é possivelmente em boa parte francófona, pode-se pensar que tipo de construção do saber pode emergir quando há desde já uma redução na capacidade

1 “Quero comentar imediatamente a sua observação concernente ao francês. Eu entendo as suas reclamações, mas no momento em que acaba de ser publicado o último ranking de Shanghai, é tempo, creio eu, de entender qual a evolução de todas as disciplinas científicas, da nossa em particular: se a produção geomorfológica francesa é de grande qualidade, seria uma pena que esta permanecesse confidencial e não pudesse ser lida por nossos colegas estrangeiros. [O site do colóquio era bilingue] Portanto, que nossos colegas que são exclusivamente francófonos fiquem tranquilos, eles não foram esquecidos. Quanto aos nossos amigos africanos, creio que há muito tempo já não hesitam em ler inglês.”

2 Vale notar que uma parte não insignificante das intervenções na discussão online tomou a forma anônima, fato em si surpreendente e significativo de um certo receio em colocar sob exame o uso do inglês, do francês e a própria situação do uso das línguas na ciência.

---

tanto da expressão dos pesquisadores potencialmente francófonos quanto da capacidade de compreensão da plateia? A descrição de Jacques Diezi sobre o ensino superior em língua estrangeira na universidade poderia muito bem descrever a situação dos colóquios “internacionais” que costumam desprezar a língua da região que os acolhem: “Il reste que le spectacle d'un auditoire majoritairement francophone s'efforçant de comprendre les incertaines subtilités du discours d'un enseignant francophone triturant la langue anglaise ne laisse pas de surprendre...” (DIEZI, 2013, p.38)<sup>3</sup>.

Esses tipos de defesa do inglês como *A* língua da ciência tendem a passar como naturais, lógicos ou em conformidade com o curso do tempo, na verdade, indicam a desconsideração das implicações do uso da língua para a construção de um saber aprofundado. São a conclusão, também apressada, de que o inglês é dominante em todos os aspectos da ciência; ou, de modo mais grave, são uma extrapolação da predominância do inglês na esfera da circulação das publicações periódicas às outras esferas da atividade científica. Ora, aquele indicador de Shanghai considera o artigos como indicador maior de produção e de excelência científica de toda uma universidade, ocupando quatro dos cinco critérios utilizados e esses quatro critérios são ainda baseados em sua quase integridade em uma única base de indexação, aquela oferecida pelo *Web of Science* (SHANGHAI RANKING, 2017).

Se a postura de Monique Forte é um exemplo de argumentação perpassada pela percepção do estado atual da ciência, há por outro lado alguns estudos que pretenderam oferecer um quadro mais objetivo da questão. São notáveis os estudos de Tsunoda(1983)<sup>4</sup>, posteriormente organizado em gráfico e acrescido de informações novas por Ammon (2012)<sup>5</sup>; ambos procuram identificar a situação das línguas através de indícios quantitativos, computando a publicação científica em um certo número de periódicos e estabelecer uma distribuição proporcional do uso das línguas, para enfim

3 “O espetáculo de um auditório majoritariamente francófono se esforçando em compreender as incertas sutilezas do discurso de um professor francófono triturando a língua inglesa não deixa de surpreender...”

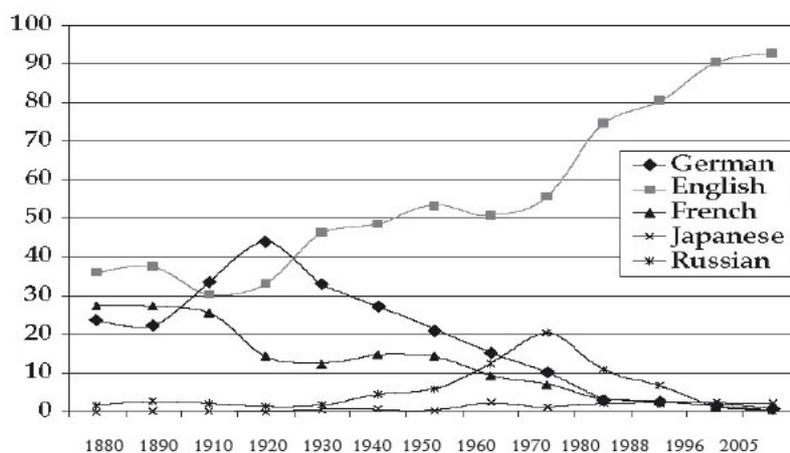
4 TSUNODA, Minoru. “Les langues internationales dans les publications scientifiques et techniques”. *Sophia Linguistica*. 1983. p. 70–79. Não tivemos acesso a este artigo, fiamos-nos nas análises apresentadas por Gordin (2015) e Hamel (2013).

5 AMMON, Ulrich. “Linguistic Inequality and Its Effects on Participation in Scientific Discourse and on Global Knowledge Accumulation With a Closer Look at the Problems of the Second-Rank Language Communities”. *Applied Linguistics Review* 3, no. 2, 2012, p.333–355. Verificado indiretamente, a partir de Gordin (2015) e Hamel (2013).

elaborar um panorama geral distribuído no tempo do uso das línguas para a circulação internacional (Figuras 1, 2).

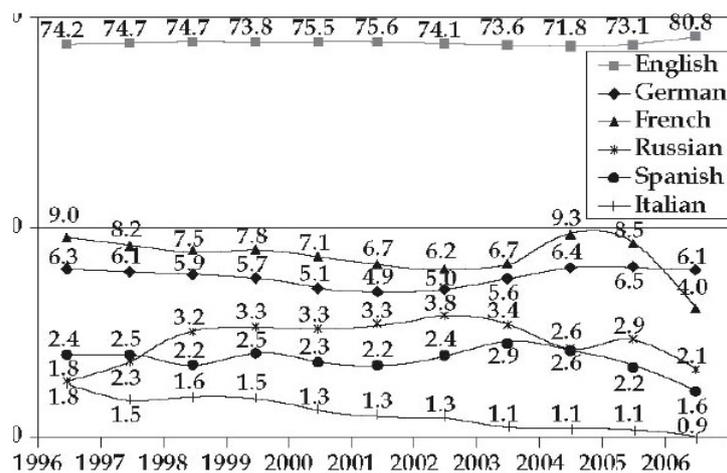
Observando a Figura 1, vemos que de uma situação de plurilinguismo restrito nas ciências naturais entre francês, inglês e alemão até por volta dos anos 1910, após um breve período de predominância do alemão e de uma simultânea queda vertiginosa do francês, a tendência geral é a crescente dominância do inglês e a queda no uso das outras quatro línguas consideradas (alemão, francês, japonês e russo) a níveis similarmente ínfimos, perfazendo somadas todas menos de 10% do total.

Figura 1: Uso proporcional das línguas nas publicações em Ciências Naturais (1880-2005)



Fonte: Hamel (2013, p.328), baseado em Ammon (2011, p.115)

Figura 2: Uso proporcional das línguas nas publicações em Ciências Sociais (1996-2006)



Fonte: Hamel (2013, p.328), baseado em Ammon (2011, p.116)

A figura 2 mostra a mesma tendência para as ciências sociais, porém com proporções graficamente menos dramáticas, ainda que mais surpreendentes, já que no campo das Humanidades e Ciências Sociais as línguas nacionais e as produções nesse nível exercem um papel mais relevante que nas ciências naturais. Por esse gráfico, o inglês ainda aparece como preponderante, passando de 74,2% a 80,8%, enquanto as outras línguas consideradas ocupam um espaço menor, com variações internas para cada língua.

Infelizmente, ainda não tivemos acesso direto aos critérios que presidiram a coleta dos dados para esses estudos, todavia, apenas a partir de alguns indícios podemos situar esses números em um quadro um pouco mais restrito. De fato, um dos riscos das análises quantitativas, sobretudo gráficas, é que elas costumam ser retiradas dos seus contextos originais, como se dependesse apenas delas mesmas para a sua interpretação, parecendo “falar por si”. A tomar somente esses números não apenas se veria confirmada a posição de quase ubiquidade do inglês, como língua hipercentral (CALVET, 1999), como também sugeriria a derrota iminente das outras línguas para a ciência, já que um gráfico em subida constante raramente sugere uma queda abrupta. Um gráfico na verdade apenas pode ser corretamente interpretado se acompanhado da descrição dos parâmetros que levaram à sua elaboração, os quais condicionam a sua interpretação correta.

De modo ainda mais problemático, para ter validade, esses tipos de análises precisam estabelecer muito bem os critérios de representatividade da população em estudo, para que seus resultados possam ser aplicáveis para uma situação mais

---

abrangente. A partir das indicações recolhidas em Hamel (2007, 2013), vemos que esses números se referem a informações recolhidas em bibliografias e periódicos unicamente listados em alguns indexadores. Hamel (2013b p.328) indica que Ammon (2011) se utilizou de *Biological Abstracts*, *Chemical Abstracts*, *Physics Abstracts* e *Mathematical Review* para as Ciências Naturais, e de *International Bibliography of the Social Sciences – IBSS*, para as Ciências Sociais. Sem maiores informações sobre que periódicos fazem parte desses indexadores, suas línguas de publicação, políticas editoriais, distribuição geográfica dos autores... é impossível fazer uma generalização para a totalidade da ciência, todavia, a multiplicação das citações desses mesmos gráficos, sem maiores preocupações sobre que base foram estabelecidos fazem deles uma frequente confirmação da situação das línguas.

É importante reconhecer que os estudos de Tsunoda e Ammon representam um ponto de partida para outros, mas é preciso verificar a que tipo de generalizações esses estudos são pertinentes; o próprio Ammon afirma que os seus dados podem conter informação pendente para uma sobre-representação da língua inglesa (Hamel, 2013, p.333). Parece-nos que uma conclusão a que esses gráficos podem levar com maior precisão é de que nos referenciais pertencentes à área anglófona, a língua inglesa tende a ser dominante, qualquer extrapolação para uma situação mais geral ou mais típica pode significar um erro interpretativo favorável à manutenção de algumas representações sobre as línguas e a alguns Estados que as usam. É claro, uma equiparação de inglês a internacional abre espaço à validação de dados pertencentes à uma área como sendo os mesmos para todo o globo.

A aparente confirmação da dominância praticamente exclusiva do inglês tem um efeito que não deve ser subestimado. Hamel (2007, 2013) relata que apenas o Brasil, em 2004, publicou 5.986 revistas, majoritariamente publicadas em português, das quais apenas 17 aparecem no *Science Citation Index*, e acrescenta que pesquisadores, por vezes especialistas, estimavam o volume da produção brasileira em uma ordem de grandeza de apenas 20-200 revistas (HAMEL, 2013, p.334, nota).

Em um artigo publicado no blog da Scielo, a Bioquímica Lillian Nassi-Calò<sup>6</sup> afirma que “Apesar de não haver evidências empíricas, existe uma percepção entre pesquisadores e editores de que artigos em idiomas que não o inglês se referem a

---

6 Coordenadora de Comunicação Científica na BIREME/OPAS/OMS e colaboradora do SciELO.

---

estudos de interesse local, de baixa qualidade ou relevância.”<sup>7</sup>. É interessante o impacto dessa desvantagem por definição, como mostra, no nível da edição de periódico, o exemplo da *Revista Brasileira de Genética*, a qual já publicava em inglês desde o seu primeiro número, mas que mudou seu nome para *Brazilian Journal of Genetics* e que, em uma impressionante consciência dos prejuízos não-científicos da ciência, foi novamente rebatizada de *Genetics and Molecular Biology*<sup>8</sup>, escondendo sua “suspeitosa” origem brasileira.

A contínua referência aos indexadores sem considerar a sua retitude estatística pode reificar desequilíbrios ou mesmo reforçar algumas áreas já empoderadas em detrimento do apagamento de uma larguíssima porção mundial da produção científica. Assim, é pertinente pontuar alguns aspectos do indexador de referência em nível internacional, o *Web of Science* e verificar o estado da sua representação precisa ou caso contrário enviesada da ciência.

### **O Web of Science: da gestão bibliográfica à gestão da ciência**

Desde os anos 1930, nos Estados Unidos havia uma movimentação em direção a um controle da informação científica (GUÉDON, 2001), dado o contexto da crise pós Crash de 1929 e o crescente custo de aquisição de materiais para as bibliotecas, movimentação particularmente forte dos anos 1950 aos 1960. Nessas duas décadas, acompanhando o desenvolvimento dos computadores, foi criado por Eugene Garfield e sua equipe o *Science Citation Index (SCI)*, no seio do Institute for Scientific Information<sup>9</sup> (ISI). O *SCI* foi acrescido de outros dois indexadores *Arts & Humanities*

---

7 NASSI-CALÒ, Lillian. “Estudo aponta que artigos publicados em inglês atraem mais citações”. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2016/11/04/estudo-aponta-que-artigos-publicados-em-ingles-atraem-mais-citacoes/>. Acesso em setembro de 2017.

8 PACKER, Abel. “A internacionalização dos periódicos foi tema central da IV Reunião Anual do SciELO”. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2014/12/16/a-internacionalizacao-dos-periodicos-foi-tema-central-da-iv-reuniao-anual-do-scielo/>. Acesso em setembro de 2017.

9 Ele próprio uma empresa fundada por Garfield, seguindo uma série de experimentações corporativas que levaram o nome de Documation Inc., em seguida Eugene Garfield Associates, para então levar o nome ISI (CAWKELL, GARFIELD, 2001). Continuando a linha corporativa da iniciativa, em 1992, a propriedade intelectual do ISI passa à Thomson Scientific (a partir de 2008, Thomson-Reuters) e desde outubro de 2016 é propriedade de Clarivate Analytics, empresa criada durante a aquisição do *Web of Science*.

---

*Citation Index (AHCI)* e *Social Sciences Citation Index (SSCI)*, posteriormente o SCI é expandido, tornando-se o *Science Citation Index Expanded (SCIE)*.

Os indexadores foram definidos originalmente como um índice abrangente (*comprehensive*) contendo todas as referências que aparecem na bibliografia ou rodapé de artigos publicados em uma seleção multidisciplinar de revistas. A partir desse levantamento, os índice de citações era montado: tomando um artigo X, se indica que artigos posteriores a ele citaram esse mesmo artigo X.

De modo absoluto, essa é uma ferramenta interessante para traçar o fluxo das citações, para investigar, em termos de história das ciências, as escolas, críticas ou debates que vão se desenrolando por meio dos periódicos e, principalmente, é uma ferramenta interessante para investigar a literatura mais conhecida (mais citada) dentro de uma determinada seleção de periódicos. E bem antes dos potentes motores de busca, apenas com listas em papel, além dos cartões perfurados, essa foi uma ferramenta notável para revolver e controlar de forma eficiente a informação científica.

The Science Citation Index will enable the user to trace new applications of theories, methods, instruments, chemicals, etc. Corrections, errata, amendments, refutations, letters, editorials, discussions, translations, reviews, etc. can also be located [...]. (GARFIELD, 1963 p.XV)<sup>10</sup>.

Garfield diz ainda que o índice é o mapa histórico da literatura. E de fato, ao ler a lista de textos que podem ser rastreados, pode-se entrever o potencial dessa ideia para seguir o fluxo das ideias através dos periódicos. Ao menos nessa apresentação inicial de Garfield, os usos dos indexadores restringem-se ao próprio pesquisador, posteriormente, e em particular a partir da criação do fator de impacto<sup>11</sup>, os indexadores tornaram-se indicadores quantitativos do peso da produção do pesquisador e da instituição a que está vinculado, disso os indexadores passam a ser um instrumento de controle não apenas do fluxo da produção e passa a ser um indicador de peso na gestão da própria atividade científica.

---

10 “O *Science Citation Index* permitirá que o usuário trace nova aplicações de teorias, métodos, instrumentos, substâncias químicas, etc. Correções, errata, emendas, refutações, cartas, editoriais, discussões, traduções, resenhas etc. Também podem ser localizadas [...]”.

11 Já mencionado em 1955, por Garfield, no artigo da *Science* que apresentou a ideia do SCI. (GARFIELD, 2005).

---

*So far, so good*, poderíamos dizer com uma pitada de ironia, pois essa solução engenhosa para um problema crescente de excesso e dispersão de informação, assim como um meio de levantamento quantitativo não é em si um dispositivo que cause grandes intervenções, depende, como dissemos acima sobre Tsunoda e Ammon, da representabilidade da fonte desse sistema indexador e suas estatísticas, assim como de não ultrapassar as fronteiras da finalidades a que ele tenha sido adequadamente desenhado.

O problema inicia quando Garfield pretende que seu índice seja abrangente (*comprehensive*), multidisciplinar e internacional (GARFIELD, 1963), porém não exaustivo! Na época em que o índice foi criado, as limitações de investigação, registro e manuseio de uma quantidade grande de informação são compreensíveis<sup>12</sup>, porém a manutenção desse princípio seletivo se justifica na era em que a gestão de largas quantidades de dados é feita sem grandes limitações tecnológicas? Ainda que seletivo, o Web of Science é de qualquer modo balanceado em termos de países e de línguas?

Investigamos o balanceamento quanto às línguas e países do *Web of Science* a partir das listas de revistas-fonte para 2017, a qual reúne as publicações que foram usadas para o estabelecimento dos fatores de impacto (listados no *Journal Citation Report*), e dos índices de citação, o *Web of Science* propriamente dito. A lista, *Source Publication List for “Web of Science”* (2017), indica o título, o editor, ISSN, país e língua.

Quanto à distribuição por línguas, a Clarivate declara na apresentação dos seus critérios de seleção de revistas:

English is the universal language of science. For this reason our focus is on journals that publish full text in English or, at the very least, bibliographic information in English. There are many journals covered in *Web of Science Core Collection* that publish articles with bibliographic information in English and full text in another language. However, it is clear that the journals most important to the international research community are publishing full text in English. This is especially true in the natural sciences. There are notable exceptions to this rule in the arts & humanities and in social sciences topics. [...] English Language full text is also not always required in some areas of arts and humanities scholarship where the national focus of the study precludes the need for it. (TESTA, 2016)<sup>13</sup>.

---

12 Apenas para 613 revistas presentes no índice de 1961, publicadas em 28 países (não verificados para este texto), geraram um total de 1.370.000 citações. (GARFIELD, 1963, p.ix). Nessa época, algumas das tecnologias empregadas eram limitadas, como os cartões perfurados e as gravações magnéticas.

---

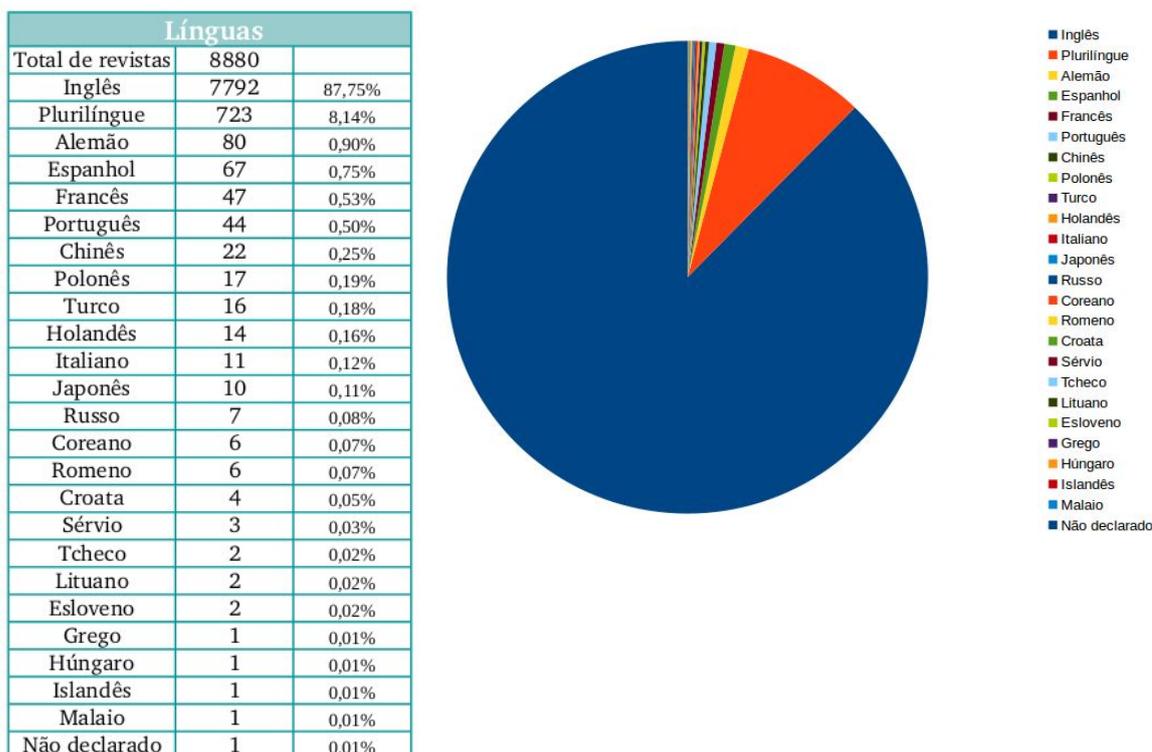
A partir do “fato” estabelecido pela Clarivate de que o inglês é a língua da ciência e que os textos de relevância são publicados nesse idioma, não fica claro em que medida estão inclusas as revistas que publicam somente as informações bibliográficas em inglês (que incluem o *abstract*) e que publicam em outras línguas o texto integral, nem que fatores guiam a aceitação de uma língua que não é “a língua universal da ciência”. Identificamos outro problema em algumas revistas que foram etiquetadas como plurilíngues ou em holandês da área de Química, e que são editadas pela Elsevier, nenhuma delas continha artigo senão em inglês, e todas carregavam a exortação padrão de por favor escrever os textos em inglês correto, britânico ou americano, mas não a mistura das duas variantes...

Examinando ainda o mesmo documento, constatamos que a Clarivate não fornece informações mais claras sobre como são formados e quem compõe os comitês de seleção das revistas. Da mesma forma, o texto afirma expressamente que faz uma avaliação de *pertinência* de conteúdo, preferindo os títulos que já estão presentes historicamente no indexador para um tópico ou área, sob a justificativa de que esses títulos já cobririam uma área existente. Isso tem como consequência uma possível imobilidade na lista, uma exclusão *a priori* de novas iniciativas editoriais o que, por sua vez, mantém hegemonias de tradições científicas representadas pelas revistas e/ou por seus comitês editoriais e suas línguas.

Tendo em mente esses princípios apresentados pela Clarivate Analytics, ao examinar os dados que compõem, por exemplo, a *Source Publication List SCIE* (Tabela 1) mostra a concentração impressionante das publicações em língua inglesa em Ciências Naturais, com 87,75% e uma limitação a menos de 1% para cada uma das outras 22 línguas (exceto a menção plurilíngue 8,14%). Novamente, considerar esses dados sem problematizar o próprio processo de coleta de dados corroboraria o primeiro gráfico histórico estabelecido por Tsunoda e Ammon.

13 “O inglês é a língua universal da ciência. Por essa razão, nosso foco está nas revistas que publicam o artigo integral em inglês ou, no mínimo, informação bibliográfica em inglês. Há muitas revistas cobertas no *Web of Science Core Collection* que publicam artigos com informação bibliográfica em inglês e o artigo integral em outra língua, porém está claro que as revistas de maior importância para a comunidade de pesquisa internacional estão publicando o texto integral em inglês. Isso é especialmente verdadeiro nas Ciências Naturais. Há exceções notáveis a essa regra nos tópicos em Artes e Humanidades e nas Ciências Sociais. [...] Textos integrais em língua inglesa também não são sempre requeridos em algumas áreas de Artes e Humanidades em que o foco nacional do estudo dispensa essa necessidade.”

Tabela 1: Distribuição por línguas em revistas da *Source Publication List* SCIE, 2017

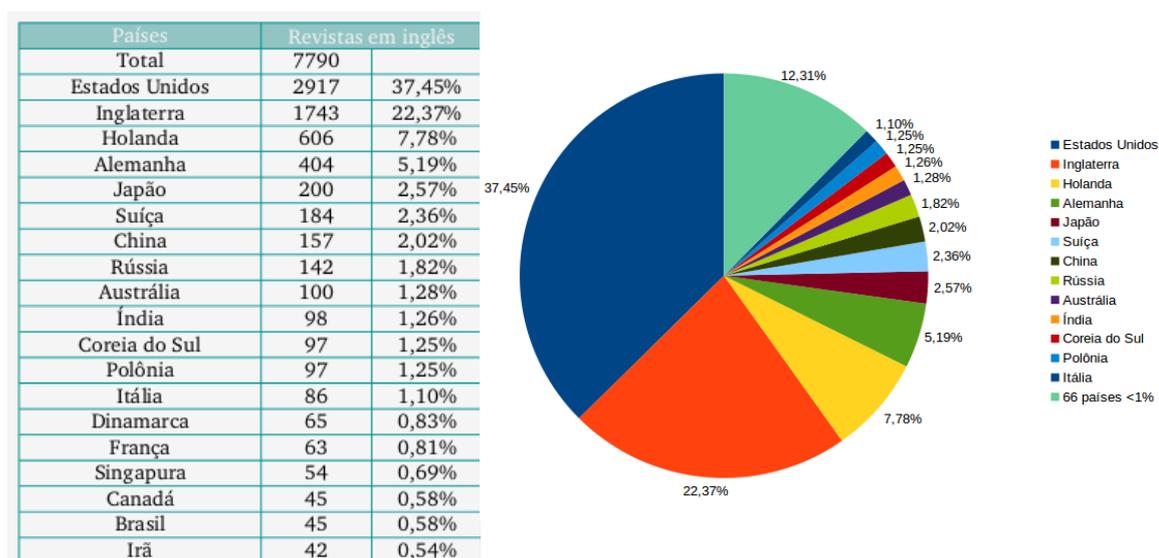


Admitamos que efetivamente a situação hipercentral da língua inglesa seja um facilitador para a comunicação científica, nos vem a dúvida, o uso dessa língua garante presença equitativa dentro da lista de referência do *Web of Science* e, portanto, dentro de todo o conjunto de indicadores estatísticos da empresa, como o fator impacto? Apenas para nos insinuarmos na questão, organizamos os dados da mesma lista apenas para os títulos que usam o inglês, distribuídos por países (Tabela 2).

A distribuição da presença da língua inglesa por países mostra um grande desequilíbrio da composição dessa lista fonte. Apenas Estados Unidos e Inglaterra perfazem 59,82% do total de países que usam a língua inglesa. Evidentemente, países que têm essa língua como oficial possuem mais títulos em língua inglesa, porém isso não explica a super-representação desses países, considerando a dita internacionalização da língua inglesa. Se a lista possuísse, por exemplo, um critério de balanceamento por países, procuraria preencher em cada país um número equilibrado com as melhores revistas de cada Estado, mas os critérios são seletivos e para o Web of Science, EUA e Inglaterra são os países com maior excelência científica no mundo, a partir dos seus

critérios de presença histórica no campo, representatividade e avaliação de conteúdo, sem informar quem elaborou a lista e que critérios mais finos essas pessoas adotaram. Enfim, a lista surpreende colocando Alemanha com uma participação de apenas 5,19% assim como Suíça com apenas 2,36%, dois países conhecidos pela importante inovação científica e técnica e deixa 66 países com uma participação que não chega a 1%, cada, sem contar a exclusão de 116 países dos 195 Estados independentes<sup>14</sup> com reconhecimento internacional.

Tabela 2: Língua inglesa, distribuída por países (*Source Publication List SCIE, 2017*)<sup>15</sup>



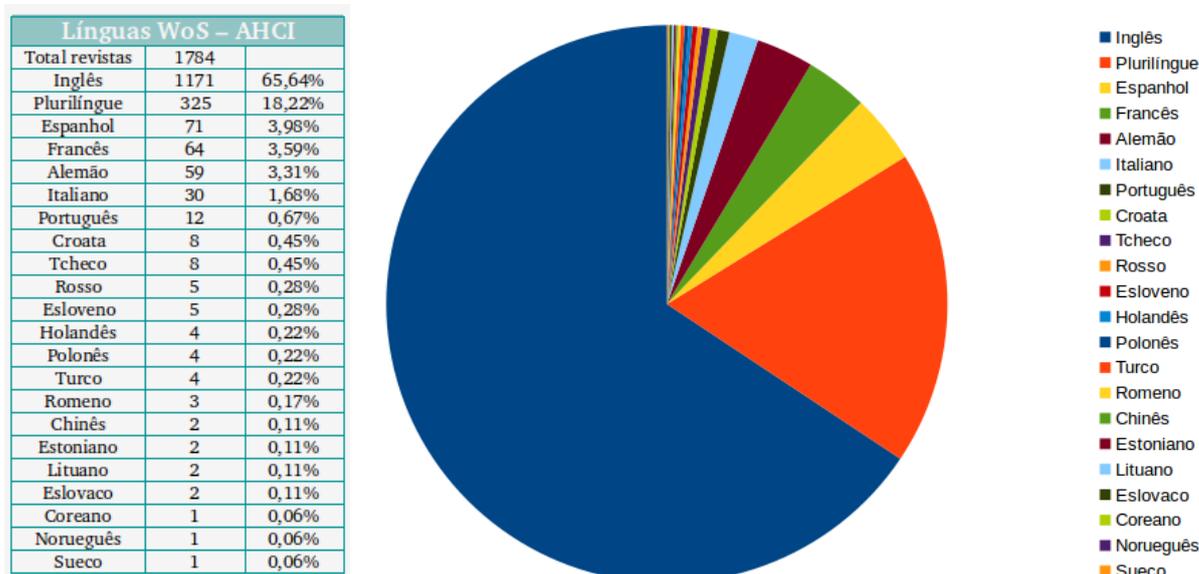
Para o caso de Artes e Humanidades (Tabela 3), apesar do reconhecimento do papel importante das línguas nacionais, o inglês ainda ocupa a fatia de 65,64%, deixando áreas importantes para as humanidades com participação possivelmente muito inferior do que representam, como é o caso do francês com 3,59%. Um gráfico como esse, tomado fora de contexto poderia indicar a perda de espaço tradicionalmente ocupado por determinadas tradições em favor de uma publicação internacional que passa pela língua inglesa também nas Humanidades, mas é questionável a pequena participação abaixo da camada plurilíngue dessa lista e, principalmente, é questionável partir do próprio artigo para a publicação nessa área, que precisa de muito mais que algumas páginas para elaborar uma reflexão digna da área e que apenas um sistema de

14 Segundo o departamento de Pesquisa e Inteligência dos Estados Unidos, setembro de 2017.

15 A lista não está apresentada integralmente, sendo apenas uma amostra do nosso levantamento, a totalidade dos dados, porém foi considerada na elaboração do gráfico que a acompanha.

avaliação de produtividade pode constranger seus eruditos a apertar-se em uma camisa tão estreita.

Tabela 3: Distribuição por línguas em revistas da *Source Publication List for “Web of Science”*: *Arts & Humanities Citation Index*, 2017



Parece-nos que essas inconsistências advêm de fato de um viés original dos dados reunidos nos indexadores e, portanto, se tomados como representação objetiva da distribuição da produção científica mundial podem levar à má verificação da performance de um país ou da distribuição de uma língua para a função científica, assim como reforçar representações.

Na verdade, além da forma como esses dados são recolhidos é preciso questionar o próprio critério de seletividade adotado pelos indexadores. Em um momento em que os meios para revirar a informação se tornam cada vez mais avançados, com a digitalização de arquivos, anotações estruturais e de conteúdo, motores de busca, mineração de informações, mapeamento de imagens é questionável pré-restringir o campo de busca, já que é de conhecimento de que se fala e, portanto, é difícil dizer que um produto da inteligência humana tenha valor apenas a partir do meio que o carrega ou da quantidade de pessoas que repetem seu conteúdo.

Essas discrepâncias podem ser explicada por um lado pelo fato de que os indexadores foram criados na área anglófona, ainda que com uma visada internacional, portanto com a probabilidade de que haja uma grande representação da produção em inglês, sobretudo se os comitês de seleção dos títulos não forem internacionais nem

---

equilibrados, para não dizer multilíngues, já que o desconhecimento de outras línguas e de outras tradições científicas, bem como das questões que inquietam as diferentes partes do globo, fica difícil estabelecer o que é cientificamente mais pertinente. Após a Segunda Guerra, a ascensão definitiva do inglês à hipercentralidade, que acompanha a própria história das hegemonias dos Estados contemporâneos faz dos indexadores polos de atração para os cientistas e uma referência internacional. Esse reforço de poder da área anglófona por questões de ordem política e econômica reforça por sua vez a posição de polaridade de determinadas revistas, o *Web of Science* valida e mantém essa situação inalterada.

Mesmo cientes da posição hegemônica do inglês e de alguns dos países anglófonos, governos de várias nações usam ainda assim esses indicadores para analisar a qualidade da produção nacional, como é o caso do *Observatoire des Sciences*<sup>16</sup> para a França. Ou mesmo os próprios cientistas usam essas listas, e seus fatores de impacto, para classificar a produção institucional, como o caso do Qualis Química, no Brasil, o qual avalia (MEC Capes, 2012) a produção a partir do fator de impacto, excluindo da premiação A1-B4 aqueles que não têm fator de impacto, e relega ao nível B5 os periódicos indexados no Scielo e Scimago.

Quando os critérios de indexação são controlados pela comunidade científica e são guiados pela livre circulação de ideias a lista de participações pode mudar bastante de figura. Para o indexador DOAJ – Directory of Open Access Journals<sup>17</sup>. Fizemos uma busca em fevereiro de 2017 para a área “Filologia/Linguística” a Tabela 4 lista as entradas de artigos em relação à língua publicada, de um total de 36.591 artigos recenseados.

Tabela 4: Artigos por língua de publicação em Filologia/Linguística – DOAJ (2017)

Língua	Entradas	Língua	Entradas
Inglês	27.221	Espanhol	5.610
Português	13.708	Russo	4.336
Espanhol (Castelhano)	10.500	Alemão	3.710

---

16 [http://www.obs-ost.fr/fr/indicateur/analyses\\_et\\_indicateurs\\_de\\_reference](http://www.obs-ost.fr/fr/indicateur/analyses_et_indicateurs_de_reference)

17 O DOAJ, <https://doaj.org/>, é uma plataforma administrada coletivamente, criada pela Universidade de Lund, Suécia, que indexa e provê acesso a jornais de alta qualidade, com avaliação por pares. Contando em fevereiro 2017, um total de 9.525 revistas, 129 países e 2.448.589 artigos de várias disciplinas.

---

Francês	8.439	Turco	2.975
Italiano	6.065	Catalão, Valenciano	1.573

Esses resultados não mostram que o Brasil, líder na publicação em Linguística no DOAJ, publica mais em Linguística do que qualquer outro do mundo, procedimento de extrapolação que costuma ser realizado a partir dos indexadores proprietários (ex. ISI, *Scopus*), o que eles mostram é que há um forte impulso à publicação em Open Access nesse país. E para as línguas, parece que a publicação em inglês é dominante, mas a situação das outras línguas que seguem o inglês é muito mais viva do que a ideologia do monolinguismo científico quer fazer crer: ainda que o inglês apareça como dominante na área das Ciências Naturais, com 56,94% no DOAJ, a figura ainda está muito longe dos 87,75% no SCIE, além disso, o que a figura X nos indica é que outras línguas são meios importantes de veiculação de conhecimento em acesso livre. Além disso, a utilização do inglês para a publicação em acesso livre aparece de modo mais equilibrado, em vez de EUA e Inglaterra dominarem praticamente dois terços da publicação, como no SCIE, o topo da publicação, ocupada pela Alemanha é de apenas 11,16% e a distribuição do uso do inglês por outros países é bem mais equilibrada. Não surpreendentemente, Estados Unidos aparecem com uma participação de apenas 2,89% (8º lugar), isso indica não que EUA publiquem pouco em inglês, mas que seu modo de veiculação periódico passa por um modelo comercial e muito pouco pelo acesso livre. Interpretação que depende de conhecimentos de ordem social, não apenas numéricos.

Se, ao contrário, se realizar o mesmo tipo de estudo baseado nos mesmos indexadores tem-se um círculo vicioso que se fecha: predomínio original do inglês por questões históricas e geopolíticas – ação dos governos e instituições avaliadoras (políticas científicas) – pesquisadores sem controle das políticas científicas nacionais ou levados pelas representações – imposição de determinadas revistas de referência – retorno aos indexadores e elaboração de novas listas enviesadas... Parece que outro quadro de análise precisa ser levado em conta para descrever o uso das línguas na ciência de modo científico, como, acompanhar o desenvolvimento do Open Access, das redes sociais (ex. Academia.edu e Researchgate), dos repositórios institucionais (como o HAL), indicadores de publicação de livros; e para a própria ciência, tomando-a em sua completude, a partir de estudos sociolinguísticos como o proposto por Hamel (2013,

---

p.352, 355 e 357) que ultrapassem o artigo, parte pequena da totalidade da atividade científica.

## REFERÊNCIAS

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Plon, 1999.

CAWKELL, Tony; GARFIELD, Eugene. "Institute for Scientific Information". In: FREDRIKSSON, E. H. (Ed.). *A century of Science Publishing: a collection of essays*. IOS Press, p.149-160, 2001.

CLARIVATE ANALYTICS. *Source Publication List for "Web of Science": Science Citation Index Expanded*. Julho de 2017 Disponível em: <[http://ip-science.thomsonreuters.com/mjl/publist\\_sciex.pdf](http://ip-science.thomsonreuters.com/mjl/publist_sciex.pdf)> Acesso em agosto de 2017.

DIEZI, J. "À propos des langues d'enseignement dans les 'Masters Bologne' des universités suisses, et de Lausanne em particulier". In.: BERTHOUD, Anne-Claude et al. "Plurilinguisme et construction des savoirs sous l'angle de diverses disciplines". *Synergies Europe*, N° 8, p.36-38, 2013. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Europe8/Berthoud.pdf>> Acesso em fev. 2017.

GARFIELD, E. *Science Citation Index 1961, 1*. pv-xvii, 1963 Disponível em: <<http://www.garfield.library.upenn.edu/papers/80.pdf>>. Acesso em setembro de 2017.

\_\_\_\_\_. "The agony and ecstasy – the history and meaning of the journal impact factor". *International Congress on Peer Review and Biomedical Publication*. Chicago, 2005.

GORDIN, Michael D. *Scientific Babel: how science was done before and after global English*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

GUÉDON, Jean-Claude. "À l'ombre d'Oldenburg: bibliothécaires, chercheurs scientifiques, maisons d'édition et le contrôle des publications scientifiques". *ARL Meeting*. Toronto, maio de 2001. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00395366/fr/>> Acesso em fev. 2017.

HAMEL, Reiner Enrique. "The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science". *AILA Review*, N° 20, p.53-71, 2007.

\_\_\_\_\_. "L'aménagement linguistique et la globalisation des langues du monde". *Télescope*, Vol. 16, N° 3, p.1-21, 2010.

\_\_\_\_\_. "El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: elementos para una política del lenguaje em América Latina". *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, N° 52 (2), jul./dez., p.321-384, 2013.

MARTIN, C., "Place des langues autres que l'anglais dans les colloques internationaux". *Physio-Géo*, Vol. 6, 2012. Disponível em: <[https://physio-](https://physio-geo.fr/)

---

[geo.revues.org/2613](http://geo.revues.org/2613)>. Acesso em fev. 2017.

MEC; CAPES. *Considerações sobre Qualis Periódicos: Química*, 2016. Disponível em:<[http://www.capes.gov.br/images/documentos/Qualis\\_periodicos\\_2016/Consideracoes\\_Qualis\\_Periodicos\\_Qumica\\_19agosto2016.pdf](http://www.capes.gov.br/images/documentos/Qualis_periodicos_2016/Consideracoes_Qualis_Periodicos_Qumica_19agosto2016.pdf)>. Acesso em setembro de 2017.

SHANGHAI RANKING. *Global ranking of academic subjects 2017*. Shanghai ranking consultancy, 2017.

TESTA, J. “Journal Selection Process”. Clarivate Analytics, 2016. Disponível em <<https://clarivate.com/essays/journal-selection-process/>> Acesso em setembro de 2017.